

I

Era uma vez... Ai, ai. Era uma vez...

Uma vez quando?

Quando? Era uma vez e pronto!

Mas que vez era essa?

Era. Uma. Vez. É só uma maneira de começar a história.

Não podes começar sem isso?

Posso.

Então?

É como dizer «Shiu!». Ou bater palmas. É só uma maneira de avisar os ouvintes.

Estamos à espera. Não há nada que avisar. Isso de «Era uma vez...» é para os bebés.

Mas também dá a entender que a história aconteceu há muito, muito tempo.

Pois. Era quando os animais falavam... Uma perfeita patética.

É só um modo...

Como se os animais não falassem agora!

Oh, achas?

Olha lá, estás a brincar?

Eu estou só a tentar contar a história...

Se calhar, já conheço.

Não conheces.

Sério?

Foi inventada agora mesmo. Ou melhor, irá ser inventada aos pouquinho.

Não sei...

Não sabes?

Não parece boa ideia. Eu gosto mais das coisas planeadas.

Eu nunca planeio nada.

Pois. Pois não. A mãe diz que tu fazes as coisas sem cabeça.

Ela diz isso?

Diz. A mãe lá sabe.

II

Era uma vez um casarão de pedra. Um casarão é uma casa grande e numa casa grande tem-se frio, ainda que se acendam as lareiras.

Havia uma, duas, três, quatro crianças dentro da casa. Três irmãs e um irmão. A mais velha era a Charlotte e a seguir vinham o Patrick, a Emily e a Anne. A Charlotte era muito ajuizada, o Patrick era muito desinquieto, a Emily, rebelde, e a Anne, doce. Eles tinham uma boa educação, que era a educação daquele tempo. Assim, nunca batiam uns nos outros. Nem sequer se puxavam os cabelos.

E, além da boa educação, eles guardavam segredos espantosos. Tais segredos, além de os manterem ocupados, faziam-nos gastar as energias só com o uso da imaginação, mesmo que demorassem muitas horas sentadinhos à volta de uma mesa.

Eles passavam o dia a inventar.

Inventar o quê?

Histórias. Países.

Histórias, países, toda a gente inventa.

Não daquela maneira. Eles eram mesmo pessoas especiais. O problema é que sabiam disso. Tornavam-se um bocado, digamos, antipáticos.

Eles viviam com quem?

Com o pai e a tia. E uma criada. Nessa grande casa.

E onde estava a mãe?

A mãe...

Morreu?

Bom...

Separou-se?

Não. As pessoas não se separavam.

Então, morreu.

É que... Fica tão triste...

Às vezes as mães morrem. Olha o Bambi.

Pois. E as crianças choram nessa cena. Pedem que aquilo não aconteça.

Depois passa.

Não passa. A mim, ainda não passou.

Pronto, não passa. Mas não sai da história. Mesmo que a gente tenha sonhos, fica lá. Mas escusas de matar a mãe, não achas?

Eu? De a matar?

A história não é tua?

Ah, pois é...

Então, pronto. A mãe está lá.

Na verdade, não dava muito jeito.

Não dava jeito?

Não. Se a mãe estivesse, os meninos não estavam assim sós, entregues uns aos outros, meio selvagens.

Tu lá sabes. Se queres matar a mãe, ou se precisas de matar a mãe, despacha-te com isso. É que incomoda. Mas então e o pai? Não lhes ligava?

Naquela altura, os pais eram aqueles que trabalhavam para ganhar o dinheiro todo da casa. Não se preocupavam com mais nada. E quase nem olhavam para os filhos.

Que esquisito!

Era assim.

E então a história? Estás sempre a perder-te. Íamos onde?

Bom, eram três irmãs e um irmão que viviam com a tia e o pai no meio do nada. Fora da casa havia campos que não prestavam para cultivar, quase lisos, mas muito, muito belos quando a urze floria. Não era bem no meio do nada: havia casas de um lado e de outro de uma rua, habitações, uma taberna e uma escola...

O que é uma taberna?

Era um lugar com mesas onde os homens se juntavam.

Ah, um café? Uma gelataria?

Sim, mais ou menos.

Comiam bolos e gelado, os homens? Só os homens? Não iam crianças nem mulheres?

Sim, só os homens.

Que esquisito.

Pois.

E então?

Então, continuamos amanhã. Se quiseres.

Pode ser. Vale tudo, agora.